

Apreensão entre os moradores

Há vários dias, os moradores da invasão 110/111 Norte já vêm sentindo no ar a ameaça de remoção, com uma ação violenta por parte da polícia. Sem emprego, sem qualificação profissional, a maioria dessas pessoas vive um drama: como garantir moradia a si próprio e a seus familiares quando os barracos forem derrubados?

Uma olhada pela invasão comprova o que muitos de seus moradores alegam: o enorme número de crianças e mulheres existente no local. Grande parte dos habitantes da invasão são famílias, que deixaram as cidades-satélites devido ao aumento no preço dos aluguéis. Os trabalhadores da favela, em sua maioria, ganham apenas um salário mínimo para sustentar famílias de até oito membros. Com esse rendimento, segundo muitos deles, fica impossível pagar cerca de Cz\$ 1 mil por um fundo de barraco nas cidades-satélites.

Defendendo-se diante da certeza de não poder pagar um aluguel, os invasores pedem sua permanência no local. Entretanto, estão todos dispostos a deixar a invasão tão logo chegue a primeira tropa de polícia, pois eles sabem que uma ação de erradicação de invasão é sempre

realizada com violência. "O que um pobre pode fazer contra a polícia?", questiona tristemente Elias Ribeiro da Silva, há um ano e dois meses vivendo na 110. Segundo ele, os moradores da invasão já redigiram uma carta ao governador José Aparecido, pedindo um novo lugar para morar caso a invasão seja desfeita.

Elias Ribeiro tem oito filhos e saiu de Sobradinho devido ao alto preço de seu antigo aluguel. Ele lembra que "até os bichos têm lugar para morar, entretanto, os seres humanos não". Quando perguntado para onde vai após sua expulsão da invasão, ele afirma: "para outra invasão". Esta é a resposta de quase todos os moradores da 110/111 Norte. Em sua grande maioria, os invasores são pessoas sem emprego vivendo de pequenos bicos, como o recolhimento de papel. Os mais抗igos no local reclamam dos novos, pois foi a grande procura que o local teve nos últimos meses que chamou a atenção do governo para o fato.

A história de Maria Ribeiro é bem parecida com a de Elias. Mãe de dois filhos, deixou seu barraco em Planaltina devido ao aluguel de oitocentos cruzados. Segundo ela, os invasores não querem casa própria, mas um "lugar bar-

to para morar". Desde já, Maria Ribeiro encontra-se preparada para enfrentar a ação da polícia, contando com a sorte para não sofrer nenhum mal durante a ação de retirada.

A invasão da 110/111 existe há seis anos. No inicio, o local era tomado por poucos barracos, construídos precariamente. Desde o ano passado, entretanto, a procura pela invasão cresceu muito, devido ao empobrecimento da população. A cada dia, segundo seus moradores, surge um novo barraco. A miséria e o desemprego campeam o local, pois o lugar só tem como atrativo as fontes d'água existentes no setor. Sua população vive sob telos construídos por sacos plásticos, que vez por outra provocam a morte de uma criança, devido à desidratação.

Entretanto, há aqueles que não se sensibilizam com a pobreza vivida por essa gente. Os moradores das quadras vizinhas, donos de apartamentos de dois a três quartos, costumam reclamar dos invasores. Contudo, como declara Vânia Maria Batista, moradora daquela redondeza, "as pessoas têm de aceitar a presença dessa gente, pois morar é um direito de todos". A dificuldade em se retirar os moradores da invasão está na falta de um lugar para transferi-los.